

# Poetas do samba

Paulo Wiki  
**Autor**

Alan Gilles  
Dominique Coutinho  
**Ilustração**

Rio de Janeiro

2016



SEXTANTE

©Gilles Design  
@Dominique Coutinho  
©Editora Sextante  
©Paulowiki

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – por qualquer meio ou forma seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressar autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras  
do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Editora Sextante  
Rua Voluntários da Pátria 45  
Botafogo, Rio de Janeiro - RJ  
Cep: 22270-900

Isto distribuidora  
Rua Major. Diogo, 774  
Bela Vista, São Paulo - SP  
Cep: 01324-000

1ª edição, 2016 - 2ª impressão

CIP - BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

### **Produção**

**Autor:** Paulo Wiki  
**Design:** Alan Gilles e  
Dominique Coutinho  
**Diagramador:** Alan Gilles e  
Dominique Coutinho  
**Ilustrador:** Alan Gilles e  
Dominique Coutinho  
**Correção:** Vinicius Ferreira  
**Produtor:** Paulo Wiki  
**Editora:** Maria Izadora Zarro

### **Contatos**

Editora Sextante  
**E-mail:** Sextante.com.br  
**Telefone:** (21) 2538-4100  
Isto distribuidora  
**E-mail:** istodistribuidora.com.br  
**Telefone:** (11) 3104-6317  
**Autor:** Paulo Wiki  
**E-mail:** Paulowiki.com.br

Para minha mãe Sabrina Pédia e  
meu Pai Guilvert Wiki



## Prefácio

Nesse livro vamos contar histórias, curiosidades e uma pequena linha do tempo dos maiores cantores e compositores do samba, conhecidos como poetas pelo povo.

Poetas do samba contém depoimentos exclusivos e conteúdo interativo de fácil entendimento, selecionamos 10 cantores por forma de pesquisas nas ruas e em nossas redes sociais a disputa foi acirrada e os escolhidos foram: Adoniran Barbosa, Arlindo Cruz, Benito di Paula, Bezerra da Silva, Cartola, Clara Nunes, João Nogueira, Leci Brandão, Noel Rosa, Zeca Pagodinho. A Editora Sextante tem o orgulho de publicar Poetas do samba, o terceiro livro da série 100 anos do samba.



SEXTANTE



# Sumário

Capítulo	Artista		Página
1	Adoniran Barbosa	—————	10
2	Arlindo Cruz	—————	14
3	Benito di Paula	—————	20
4	Bezerra da Silva	—————	24
5	Cartola	—————	30
6	Clara Nunes	—————	38
7	João Nogueira	—————	50
8	Leci Brandão	—————	58
9	Noel Rosa	—————	66
10	Zeca Pagodinho	—————	72



Não posso ficar  
nem mais um minuto  
**COM VOCÊ**  
Sinto muito amor,  
mas não pode ser  
Moro em Jacanã  
Se eu perder esse trem  
Que sai agora  
às onze horas  
Só amanhã de manhã...



———— **Adoniran Barbosa** ————

Capítulo 1



**Valinhos, SP**

**6 de agosto de 1910**

**23 de novembro de 1982**

Adoniran Barbosa foi um cantor e compositor brasileiro. “Saudosa Maloca” foi seu primeiro sucesso como compositor. “Trem das Onze” é mais uma de suas músicas que retrata o cotidiano das camadas mais pobres da população urbana.

Adoniran Barbosa nasceu em Valinhos, São Paulo, no dia 6 de agosto de 1910. Filho de imigrantes italianos, Ferdinando e Emma Rubinato, ainda jovem muda-se com a família para Jundiaí. Em 1924 vão para Santo André, na grande São Paulo, onde começa a trabalhar para ajudar a família. Aos 22 anos vai para São Paulo, onde se emprega como vendedor de tecidos.

Na capital paulista participa de programas de calouros no rádio. Seu nome verdadeiro é João Rubinato, mas adota o pseudônimo de Adoniran Barbosa. Adoniran, nome de seu melhor amigo, e Barbosa em homenagem ao cantor Luís Barbosa, seu ídolo. Em 1934, com a marcha “Dona Boa”, feita em parceria com J. Aimberê, conquista o primeiro lugar no concurso carnavalesco promovido pela prefeitura de São Paulo.

Em 1941 é convidado para atuar na Rádio Record, onde trabalhou por mais de trinta anos como ator cômico, discotecário e locutor. Em 1955 compõe o primeiro sucesso, “Saudosa Maloca” (1951), gravado pelo conjunto Demônios da Garoa. Em seguida lança outras músicas, como “Samba do Arnesto” (1953), “Abrigo de Vagabundo” (1959) e a famosa “Trem das Onze” (1964).

Em suas obras, retrata o cotidiano das camadas pobres da população urbana e as mudanças causadas pelo progresso. Para isso, faz uso da maneira de falar dos moradores de origem italiana de alguns bairros paulistanos, como Barra

Funda e Brás. Uma de suas últimas composições foi “Tiro ao Álvaro”, gravada por Elis Regina em 1980.

Adoniran Barbosa morreu em São Paulo no dia 23 de novembro de 1982. aos 72 anos de idade, deixando aproximadamente 90 composições inéditas. Adoniran lutava contra um enfisema que avançava cada vez mais, tirando-lhe a boemia e as saídas à noite. Criou dentro de casa um pequeno parque de diversões com pedaços de lata e madeira – rodas-gigante, carrosséis, pequenos objetos de cunho popular.

Em sua homenagem foram criados museus, bustos, escolas, nomes de rua e, no bairro do Jaçanã, há uma rua chamada Trem das Onze e em 6 de agosto de 2015, o Google realizou em um doodle em homenagem ao 105º aniversário de Adoniran Barbosa.

É que Deus fez a  
cabeça  
Em cima do  
♥CORAÇÃO♥  
Para que o  
sentimento  
não ultrapasse a  
razão

— Arlindo Cruz —

Capítulo 2



**Rio de Janeiro, RJ**  
**14 de setembro de 1958**  
**Atual**

Arlindo é músico profissional, exímio nas cordas dedilhadas, sobretudo cavaquinho e banjo. Se não fosse compositor e cantor, poderia viver disso. Suas composições, sempre com interessantes soluções harmônicas e melodias trabalhadas, revelam que foram feitas por um músico (o que no samba, cheio de compositores mais intuitivos que técnicos, é um curioso diferencial).

Logo aos sete anos, o menino ganhou o primeiro cavaquinho. Empolgado com o instrumento, esperava ansioso o pai chegar do trabalho para aprender a tocar. Aos 12 já tirava muitas músicas de ouvido, e, como seu irmão, Acyr Marques, aprendia violão.

Entrou para a escola Flor do Méier, onde estudou teoria, solfejo e violão clássico por dois anos. E já nessa época começou a trabalhar profissionalmente como músico, fazendo rodas de samba com vários artistas, inclusive Candeia, que ele considera seu padrinho musical. Com Candeia, gravou seus primeiros discos, um compacto simples, pela gravadora Odeon, e um LP chamado Roda de Samba (hoje encontrado em CD). Em ambos tocou cavaquinho.

Ao completar 15 anos foi estudar em Barbacena-MG, na escola preparatória de Cadetes do Ar. Mas não abandonou a música. Cantava no coral da escola. Começava, então, a nascer o compositor Arlindo Cruz, que ganhou festivais em Barbacena e Poços de Caldas.

Quando deixou a Aeronáutica, passou a frequentar a roda de samba do Cacique de Ramos, que já revelava novos talentos. Ia todas as quartas-feiras curtir e aprender ao lado de Jorge Ara-

gão, Beth Carvalho, Beto sem Braço, Ubirani e Almir Guineto. Outros jovens seguiam o mesmo caminho, entre eles, Zeca Pagodinho e Sombriinha – que viria ser seu parceiro.

Os mestres não demoraram a reconhecer em Arlindo Cruz o grande compositor que já se percebia. Logo no primeiro ano de Cacique, teve 12 músicas gravadas por vários intérpretes. A primeira delas foi “Lição de Malandragem”. Depois vieram outros sucessos, como “Grande Erro” (Beth Carvalho), “Novo Amor” (Alcione) e tantos outros.

Com a saída de Jorge Aragão do Fundo de Quintal, Arlindo Cruz foi convidado a participar do Grupo. Foram, então, 12 anos de dedicação e sucesso. Neste período, gravou com quase todos artistas do Pagode e deu as músicas mais lindas ao FDQ: “Seja sambista também”, “Só Pra Contrariar”, “Castelo Cera”, “O Mapa da Mina”, “Primeira Dama”.

Zeca Pagodinho gravou “Bagaço da Laranja”, “Casal Sem Vergonha”, “Dor de Amor”, “Quando eu te vi Chorando”. Beth Carvalho transformou em sucessos: “Jiló com Pimenta”, “Partido Alto Mora no meu Coração”, “A Sete Chaves”. Reinaldo gravou “Pra ser Minha Musa” e “Onde Está”.

Arlindo Cruz tem mais de 550 músicas gravadas por diversos artistas e é considerado o responsável pela proliferação do banjo no samba. Arlindo Cruz saiu do Fundo de Quintal em 1993 e começou um carreira solo. Logo depois fez parceria com Sombriinha e anos depois se casou e teve um filho lindo chamado Arlindo também.

A partir de meados da década de 90, Arlindo passou a concorrer nas disputadas eliminatórias

de samba enredo de sua escola de samba do coração: o Império Serrano. A primeira vitória foi em 1996, no enredo “E verás que um filho teu não foge à luta”. Arlindo emplacou o hino imperiano também no ano seguinte, mas a escola acabou caindo para o Grupo de Acesso A. Arlindo ainda venceu na Serrinha em 1999, 2001 – samba que ganhou o Estandarte de Ouro do jornal O Globo, 2003, 2006 e 2007.

Arlindo concorreu em 2008 pela primeira vez em outra escola. Ele venceu na Grande Rio no enredo “Do Verde de Coarí Vem Meu Gás, Sapucaí!”. Desde que começou a disputar nas eliminatórias, Arlindo Cruz já venceu 8 vezes!

Em meados de 2009, é lançado o DVD e CD duplo “Arlindo Cruz MTV Ao Vivo” (DeckDisc), além da celebração de uma obra, a consagração, como cantor, desse compositor que discretamente mudou a cara do samba nas últimas décadas. E mudou a cara preservando a essência, recolocando o samba no rádio, popularizando as rodas de samba, incentivando a rapaziada mais nova a ficar no samba, abrindo diálogos com a chamada MPB e com outros gêneros (como o hip hop, de Marcelo D2), compondo muito e bonito para tudo quanto é cantor ou grupo novo, cultivando todos os gêneros, do partido-alto ao samba-enredo, do samba romântico ao de fundo social. Arlindo fez, nesses 30 anos, um discreto trabalho cultural que este projeto resume e evidencia.

Em 2011, lançou o CD “Batuques e Romances” e em 2012, gravou mais um CD e DVD, ao vivo, “Batuques do Meu Lugar” com músicas inéditas

e participações muito especiais, como: Alcione, Caetano Veloso, Zeca Pagodinho, entre outros.

Em 2015, ganhou o 26º Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Cantor de Samba.

Hoje em dia Arlindo prossegue em carreira solo, da Madureira do Império Serrano e do Pagode do Arlindo, das rodas de partido-alto de quartas à noite e domingos à tarde na quadra do bloco carnavalesco Cacique de Ramos. Em meados de 2009, é lançado o DVD e CD duplo MTV ao Vivo Arlindo Cruz (Deckdisc).

Mas chegou o carnaval,  
E ela não desfilou,  
Eu chorei na avenida,  
eu chorei.  
Não pensei que  
mentia a cabrocha,  
Que eu tanto  
amei...

— Benito Di Paula —

Capítulo 3



**Guapimirim, RJ**  
**28 de novembro de 1941**  
**Atual**

Benito di Paula, nascido Uday Veloso, em Guapimirim, 28 de Novembro de 1941, é um pianista, cantor e compositor brasileiro.

Uday Veloso ganhou fama nacional com o pseudônimo de Benito Di Paula. Nascido em 1941, em Nova Friburgo-RJ, é um dos grandes nomes da canção nacional dos anos 70. Foi crooner de boates do Rio de Janeiro, e depois continuou tocando na noite paulistana. Iniciou carreira pela gravadora Copacabana no início dos anos 70. Seu estilo musical é conhecido como “samba joia”, ao combinar o samba tradicional com piano e arranjos românticos e jazzísticos. Seu primeiro disco “Benito Di Paula”, de 1971, foi censurado por trazer a música “Apesar de Você” de Chico Buarque.

Seu segundo LP “Ela” também não trouxe grande êxito. Mas estourou as paradas com o terceiro, “Um Novo Samba”, onde já aparecia na capa com sua longa barba e cabelos, inúmeras correntes, brincos, pulseiras, etc. O grande sucesso desse disco foi a música “Retalhos de Cetim”.

Teve inúmeros sucessos ao longo de sua carreira como “Charlie Brown”, “Vai Ficar Na Saudade”, “Se Não For Amor”, “Amigo do Sol, Amigo da Lua”, “Mulher Brasileira”. Chegou nos anos 70 a disputar a venda de LPs juntamente com Roberto Carlos, tendo composto muitas músicas para este.

Comandou o programa “Brasil Som 75” na TV Tupi em 1975. Tem mais de 25 discos gravados, tendo parte importante de sua obra relançada em CD, devido ao sucesso de suas músicas. Chegou a fazer sucesso em nível in-

ternacional também, principalmente na América Latina.

Teve parte de sua história contada no livro “Eu Não Sou Cachorro Não” do historiador, jornalista e escritor baiano Paulo César de Araújo.

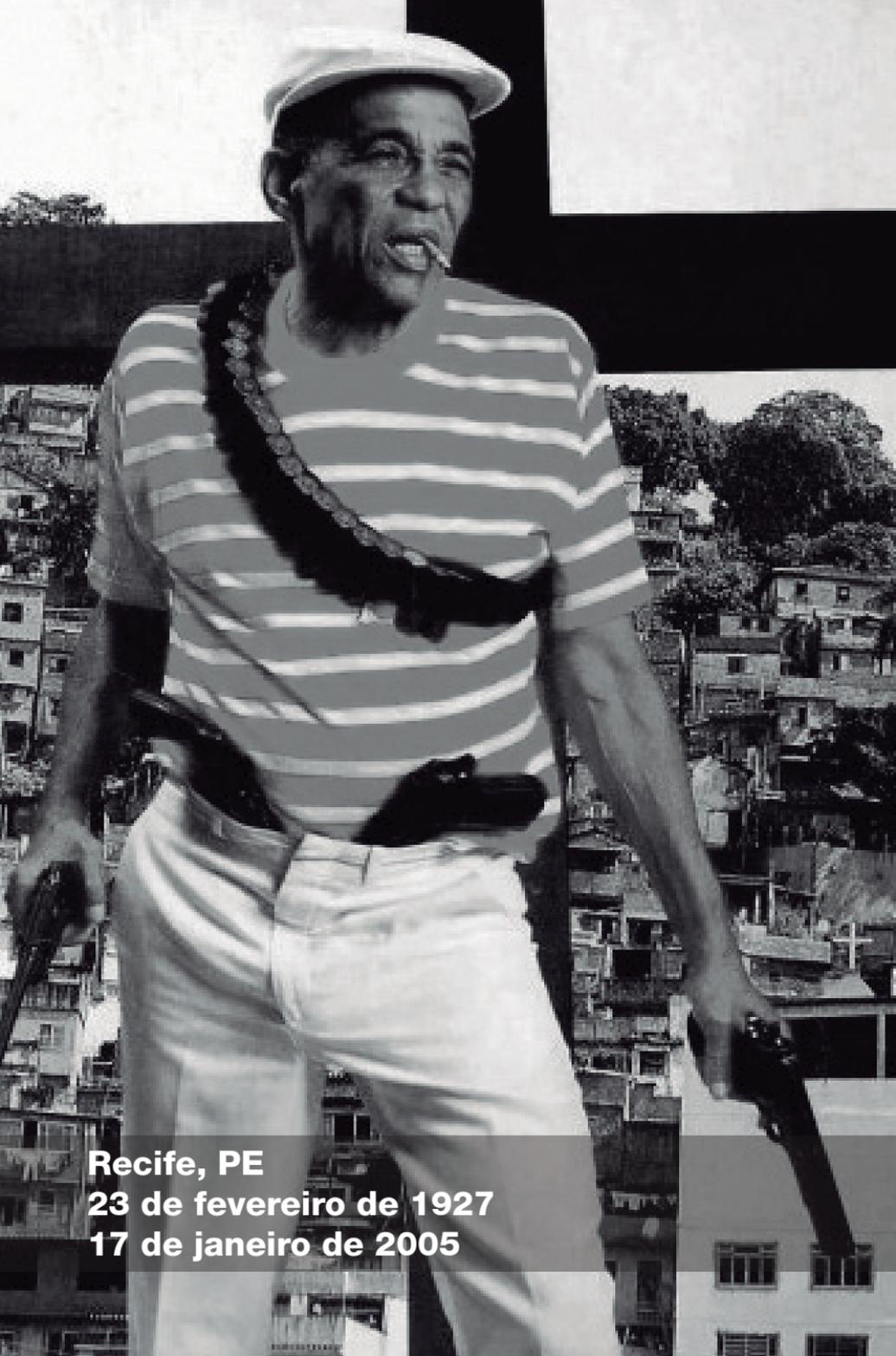
Após 10 anos sem gravar, Benito di Paula lançou, em 2009, pela EMI Music seu segundo CD e primeiro DVD ao vivo, gravado no Vivo Rio, e que traz seus maiores sucessos, como “Retalhos de Cetim”, “Sanfona Branca” e “Charlie Brown”.

Para tirar meu  
**Brasil**

desta baderna,  
só quando o morcego  
doar **sangue**, e o  
**saci** cruzar a perna.

— **Bezerra da Silva** —

**Capítulo 4**



**Recife, PE**  
**23 de fevereiro de 1927**  
**17 de janeiro de 2005**

José Bezerra da Silva foi um cantor, compositor, violonista, percussionista e intérprete brasileiro dos gêneros musicais coco, e samba, em especial de partido-alto. No princípio, dedicava-se a gêneros nordestinos, principalmente o coco até se transformar em um dos principais expoentes do samba nos anos seguintes. Através do samba, cantou sobre os problemas sociais encontrados dentro das comunidades, se apresentando no limite da marginalidade e da indústria musical. Estudou violão clássico por oito anos e passou outros oito anos tocando na orquestra da Rede Globo, sendo um dos poucos partideiros que lia partituras.

Filho de família pobre, Bezerra da Silva nasceu no Recife em 23 de fevereiro de 1927. Sua mãe, Hercília Pereira da Silva, foi abandonada pelo marido, Alexandrino Bezerra da Silva, quando estava grávida do filho. Aos 15 anos de idade, depois de ser expulso da Marinha Mercante, Bezerra da Silva viajou para o Rio de Janeiro, com o objetivo de procurar o pai e fugir da pobreza. Fez a viagem em um navio que carregava açúcar e estava apenas com a roupa do corpo. Encontrou seu pai, mas devido a atritos, acabou ficando sozinho.

Passou então a trabalhar na construção civil como pintor de paredes e tinha como endereço a obra na zona central da cidade, onde exercia sua profissão. Pelos idos de 1949, começou a se enamorar de uma “dona” e foi morar com ela no Morro do Cantagalo, na Zona Sul.

Juntamente com o trabalho de pintor, começou a desenvolver a verve musical, a partir do

coco de Jackson do Pandeiro, e logo ingressou na bateria do bloco carnavalesco Unidos do Cantagalo, tocando tamborim. Em 1950, conheceu Doca, também morador do Morro do Cantagalo, que o convidou para participar do “Programa da Rádio Clube do Brasil”, onde Bezerra participava como ritmista – além do tamborim, tocava surdo e instrumentos de percussão em geral. Boêmio e malandro, foi detido dezenas de vezes pela polícia e acabou desempregado em 1954. Durante muitos anos viveu como morador de rua em Copacabana, quando chegou a tentar o suicídio, mas foi salvo e acolhido em um terreiro de umbanda. Lá, descobriu sua mediunidade e soube, através de uma mãe-de-santo, que o seu destino era a música.

Sob o nome artístico José Bezerra, teve as composições “Acorrentado” e “Leva teu gereré”, em parceria com Jackson do Pandeiro, lançadas no primeiro álbum da carreira do pernambucano, em 1959. Na primeira metade da década de 1960, ingressou na orquestra da gravadora Copacabana Discos, que acompanhava vários artistas de renome, e também teve novas composições assinadas com outros músicos, gravadas por Jackson do Pandeiro, como “Meu veneno” (com Jackson do Pandeiro e Mergulhão), “Urubu molhado” (com Rosil Cavalcanti), “Babá” (com Mamão e Ricardo Valente), “Criando cobra” (com Big Ben e Odelandes Rodrigues) e “Preguiçoso” (com Jackson do Pandeiro). Em 1965, a cantora Marlene gravou “Nunca mais”, uma parceria de Bezerra com Norival Reis. Em 1967, compôs seu primeiro samba, chamado “Verdadeiro amor”, que foi gravado por Jackson do Pandeiro naquele

ano. No final daquela década, mudou o nome artístico para Bezerra da Silva e, em 1969, gravou um compacto simples pela Copacabana Discos, com as músicas “Mana, cadê meu boi?” e “Viola testemunha”.

Seu primeiro LP, “Bezerra da Silva - O Rei do Coco Volume 1”, seria apenas lançado em 1975, pela gravadora Tapeçar, e teve como destaque a canção “O rei do coco”. No ano seguinte, pela mesma gravadora, lançou “Bezerra da Silva - O Rei do Coco Volume 2”, cujo maior destaque foi “Cara de boi”.

Em 2001 tornou-se evangélico neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus. Em 2005, perto da morte, mas ainda demonstrando plena atividade, participou de composições com Planet Hemp, O Rappa e outros nomes de prestígio da Música Popular Brasileira.

Em setembro de 2004, foi internado em uma clínica privada do Rio de Janeiro, quando foi diagnosticado com pneumonia e enfisema pulmonar e chegou a ficar por quase uma semana em coma. Um mês depois, o sambista passou mal novamente. Foi levado pelo Corpo de Bombeiros de seu apartamento, no bairro de Copacabana (zona sul carioca), ao Hospital dos Servidores do Estado, onde foi internado com problemas pulmonares e faleceu em janeiro de 2005, aos 77 anos de idade.

Ainda naquele ano, teve lançado postumamente seu disco evangélico Caminho de Luz, que vinha sendo preparado nos últimos anos da vida do sambista.

O sambista pernambucano foi tema do livro “Bezerra da Silva - Produto do Morro”, de Letícia Vianna, lançado em 1998.

O rapper Marcelo D2 lhe prestou homenagem quando lançou em 2010, pela gravadora EMI, o álbum “Marcelo D2 canta Bezerra da Silva”, no qual perfilou parte da obra interpretada pelo sambista.

Em 2012, foi lançado o documentário “Onde a coruja dorme”, de Márcia Deraik e Simplício Neto, que destaca os compositores de suas músicas, trabalhadores anônimos, que abordavam em suas letras temas da realidade brasileira como o malandro, o otário, o alcaguete, a maconha. O filme teve origem no curta-metragem homônimo, lançado onze anos antes.

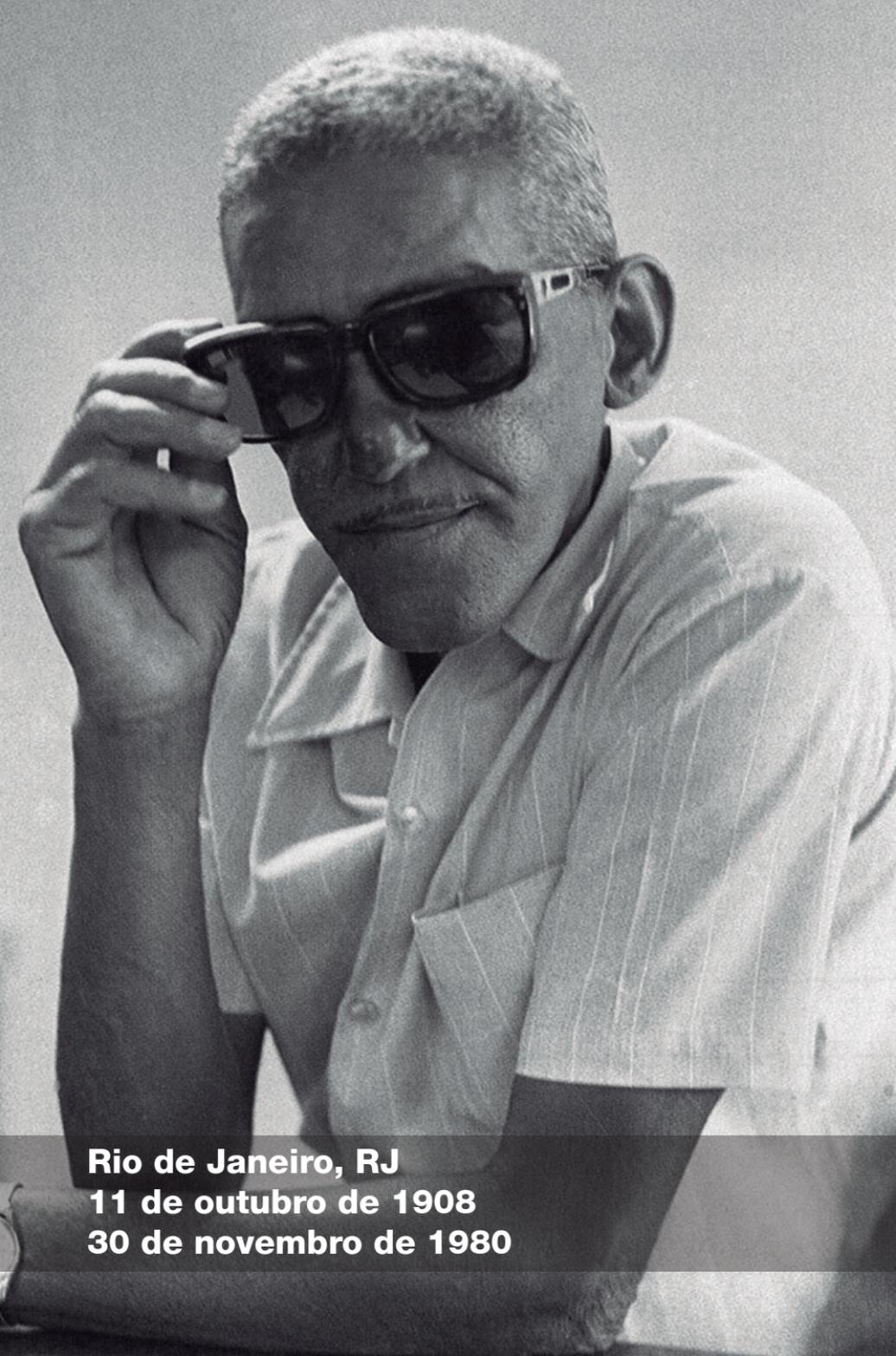
Outro legado é o incontestável e único estilo do típico malandro carioca com seu boné bradbrim estampado que até hoje inspira muitos admirados em rodas de samba.

As  
rosas não falam,  
simplesmente  
exalam o  
perfume  
que roubaram  
de ti

...

— **Cartola** —

Capítulo 5



**Rio de Janeiro, RJ**  
**11 de outubro de 1908**  
**30 de novembro de 1980**

Angenor de Oliveira foi um compositor, cantor, instrumentista nascido no bairro do Catete, no Rio de Janeiro. Tinha oito anos quando sua família se mudou para Laranjeiras e 11 quando passou a viver no morro da Mangueira, de onde não mais se afastaria. Desde menino participou das festas de rua, tocando cavaquinho – que aprendera com o pai – no rancho Arrepiados (de Laranjeiras) e nos desfiles do Dia de Reis, em que suas irmãs saíam em grupos de “pastorinhas”. Passando por diversas escolas, conseguiu terminar o curso primário, mas aos 15 anos, depois da morte da mãe, deixou a família e a escola, iniciando sua vida de boêmio.

Após trabalhar em várias tipografias, empregou-se como pedreiro, e dessa época veio seu apelido, pois usava sempre um chapéu para impedir que o cimento lhe sujasse a cabeça, o qual chamava de cartola. Em 1925, com seu amigo Carlos Cachaça, foi um dos fundadores do Bloco dos Arengueiros. Da ampliação e fusão desse bloco com outros existentes no morro, surgiu, em 1928, a segunda escola de samba carioca. Fundada em 28 de abril de 1928, o G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira teve seu nome e as cores verde e rosa escolhidos por ele. Foram também fundadores, entre outros, Saturnino Gonçalves, Marcelino José Claudino, Francisco Ribeiro e Pedro Caymmi. Para o primeiro desfile foi escolhido o samba “Chega de Demanda”, o primeiro que fez, composto em 1928 e só gravado pelo compositor em 1974, no LP História das escolas de samba: Mangueira, pela Marcus Pereira. Em 1931, Cartola tornou-se conhecido fora da Mangueira, quando Mário Reis, que subira o

morro para comprar uma música, comprou dele os direitos de gravação do samba Que infeliz sorte, que acabou sendo lançado por Francisco Alves, pois não se adaptava à voz de Mário Reis. Vendeu outros sambas a Francisco Alves, cedendo apenas os direitos sobre a vendagem de discos e conservando a autoria. Ainda em 1932, o samba “Tenho um novo amor” foi gravado por Carmen Miranda. Do mesmo ano é a gravação do samba “Na floresta”, em parceria com Sílvio Caldas, lançado por este último, e a primeira composição em parceria com Carlos Cachça, o samba “Pudesse meu ideal”, com o qual a Mangueira foi campeã do desfile promovido pelo jornal “O Mundo Esportivo”.

Em 1936, a Mangueira teve premiado no desfile seu samba “Não quero mais” (com Carlos Cachça e Zé da Zilda), gravado por Araci de Almeida, na Victor, em 1937, e em 1973 por Paulinho da Viola, na Odeon. Em 1940, participou, ao lado de Donga, Pixinguinha, João da Baiana e outros, de gravações de música popular brasileira para o maestro Leopoldo Stokowski (1882 – 1976), que visitava o Brasil. Essas gravações deram origem a dois álbuns de quatro discos de 78 rpm, lançados nos EUA pela gravadora Columbia. No rádio, atuou como cantor, apresentando músicas suas e de outros compositores. Na Rádio Cruzeiro do Sul, ainda em 1940, criou, com Paulo da Portela, o programa A Voz do Morro, no qual apresentavam sambas inéditos.

Em 1941, formou com Paulo da Portela e Heitor dos Prazeres o Conjunto Carioca, que durante um mês realizou apresentações em São Paulo, em um programa da Rádio Cosmos. Chegou a

sumir por uma época, mas foi redescoberto em 1956, quando o cronista Sérgio Porto o encontrou lavando carros em uma garagem de Ipanema e trabalhando à noite como vigia de edifícios. Sérgio levou-o para cantar na Rádio Mayrinck Veiga e, logo depois, Jota Efegê arranhou-lhe um emprego no jornal “Diário Carioca”.

A partir de 1961, já vivendo com Eusébia Silva do Nascimento, a Zica, com quem se casou mais tarde, sua casa tornou-se ponto de encontro de sambistas. Em 1964, resolveu abrir um restaurante, o Zicartola, na Rua da Carioca, que oferecia, além da boa cozinha administrada por Zica, a presença constante de alguns dos melhores representantes do samba de morro. Frequentado também por jovens compositores da geração pós bossa-nova, o Zicartola tornou-se moda na época. Durou pouco essa confraternização morro-cidade: o restaurante fechou as portas, reabrindo em 1974 no bairro paulistano de Vila Formosa.

Vivendo na casa verde e rosa que construiu no morro da Mangueira, em terreno doado pelo então Estado da Guanabara, somente em 1974, alguns meses antes de completar 66 anos, o compositor gravou seu primeiro LP, Cartola, na etiqueta Marcus Pereira. O disco recebeu vários prêmios. Logo depois, em 1976, veio o segundo LP, também intitulado Cartola, que continha uma de suas mais famosas criações, “As rosas não falam, e o seu primeiro show individual. O show foi um sucesso de público e se estendeu por 4 meses.

Em julho de 1977, a Rede Globo apresentou com enorme sucesso o programa “Brasil Es-

pecial” número 19, dedicado exclusivamente a Cartola. Em setembro do mesmo ano, Cartola participou, acompanhado por João Nogueira, do Projeto Pixinguinha, no Rio. O sucesso do espetáculo levou-os a excursionar por São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Ainda em 1977, em outubro, lançou seu terceiro disco-solo: Cartola – Verde que te quero rosa.

Em 1978, quase aos 70 anos, mudou-se para o bairro de Jacarepaguá, buscando um pouco mais de tranquilidade, na tentativa de continuar compondo. Neste mesmo ano estreou seu segundo show individual: Acontece, outro sucesso. Em 1979, lançou seu quarto LP: Cartola – 70 anos. Nesta época, descobriu que estava com câncer, doença que causaria sua morte, em 30 de novembro de 1980.

Em 1983, foi lançado, pela Funarte, o livro “Cartola, os tempos idos”, de Marília T. Barboza da Silva e Arthur Oliveira Filho. Em 1984, a Funarte lançou o LP “Cartola, entre amigos”. Em 1997, a Editora Globo lançou o CD e o fascículo Cartola, na coleção “MPB Compositores” (nº12). Após a morte, durante os anos seguintes, viriam homenagens póstumas, discos e biografias que o confirmariam como um dos maiores nomes da música popular brasileira. Em 1981, Artur Oliveira concluiria o samba “Vem”, que Cartola deixara inacabado. Ainda em 1982 foi lançado um disco póstumo do sambista, “Ao Vivo” – gravação de um espetáculo realizado no final de 1978, em São Paulo.

Em 1988, para comemorar o octogésimo aniversário de seu nascimento, a gravadora Som Livre lançou o songbook “Cartola – Bate Outra

Ve...”. A cantora Claudia Telles, filha de Sylvia Telles, um dos ícones da Bossa Nova, lançaria em 1995 um álbum-tributo com composições de Cartola e Nelson Cavaquinho. Em 1998, Elton Medeiros e Nelson Sargento gravaram o álbum “Só Cartola”. Medeiros também se apresentou com a cantora Márcia no espetáculo “Cartola 90 anos”, que resultaria em um álbum lançado pelo SESC de São Paulo.

Em 2001, a RCA relançou em CD o disco “Verde que te quero rosa”. Naquele mesmo ano, foi fundado o Centro Cultural Cartola, tendo por base a obra do compositor. Em 2002, o cantor Ney Matogrosso lançou o álbum “Cartola”, com repertório todo dedicado ao compositor da Mangueira. Em 2003, a neta de Cartola descobriu uma pasta com várias letras inéditas que teriam de ser musicadas. Ainda naquele ano, Beth Carvalho lançou o álbum “Beth Carvalho canta Cartola”. Em 2004, o espetáculo “Obrigado Cartola”, de Sandra Louzada, com direção de Vicente Maiolino, estreou no Centro Cultural Banco do Brasil. O musical contava a vida do compositor e apresentava sambas clássicos. Naquele mesmo ano, foi lançado pela Editora Moderna o livro “Cartola”, de Monica Ramalho.

Em 2007, foi lançado o filme “Cartola - Música para os Olhos”, com direção de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda. Em 2008, esquecido no ano de seu centenário pela Estação Primeira de Mangueira que ajudou a fundar, foi, no entanto, homenageado pela Paraíso do Tuiuti com o enredo “Cartola, teu cenário é uma beleza”, que ajudou a escola de São Cristóvão a subir para o grupo de Acesso A. Dentro das comemorações pelo seu

centenário, foi lançado pelo selo Biscoito Fino “Viva Cartola - 100 anos”, que incluiu gravações lançadas em outros discos e que continha uma única faixa inédita, “Basta de Clamores Inocência” - gravada por Mart'nália. “Pranto de Poeta” - BMG.

Ninguém veio ao  
mundo para tirar  
férias.

Eu vim com  
uma missão,

que é  
cantar.

— Clara Nunes —

Capítulo 6



**Paraopeba, MG**  
**12 de agosto de 1942**  
**2 de abril de 1983**

Clara Francisca Gonçalves Pinheiro, conhecida como Clara Nunes, nasceu em Paraopeba, 12 de agosto de 1942. Foi uma cantora brasileira, considerada uma das maiores intérpretes do país. Pesquisadora da música popular brasileira, de seus ritmos e de seu folclore, Clara também viajou várias vezes para a África, representando o Brasil. Conhecedora das danças e das tradições afro-brasileiras, ela se converteu à umbanda. Clara Nunes seria uma das cantoras que mais gravariam canções dos compositores da Portela, sua escola do coração. Também foi a primeira cantora brasileira a vender mais de 100 mil cópias, derrubando um tabu segundo o qual mulheres não vendiam discos. Mais jovem dos sete filhos do casal Manuel Ferreira de Araújo e Amélia Gonçalves Nunes, Clara Nunes nasceu no interior de Minas Gerais, no distrito de Cedro - à época pertencente ao município de Paraopeba e depois esse distrito virou cidade e foi emancipado com o nome de Caetanópolis, onde viveu até os 16 anos.

Marceneiro na fábrica de tecidos Cedro & Cachoeira, o pai de Clara era conhecido como Mané Serrador e também era violeiro e participante das festas de Folia de Reis. Manuel morreu em 1944 e, pouco depois, Clara ficaria também órfã de mãe e acabaria sendo criada por sua irmã Dindinha (Maria Gonçalves) e o irmão José (conhecido como Zé Chilau). Naquela época, Clara participava de aulas de catecismo na matriz da Cruzada Eucarística. Lá também cantava ladainhas em latim no coro da igreja.

Segundo as suas próprias palavras, cresceu ouvindo Carmem Costa, Ângela Maria e, princi-

palmente, Elizeth Cardoso e Dalva de Oliveira, das quais sempre teve muita influência, mantendo, no entanto, estilo próprio. Em 1952, ainda menina, Clara venceu seu primeiro concurso de canto organizado em sua cidade, interpretando “Recuerdos de Ypacaraí”. Como prêmio, ganhou um vestido azul. Aos 14 anos, Clara ingressou como tecelã na fábrica Cedro & Cachoeira, a mesma para o qual seu pai trabalhou.

Teve que se mudar para Belo Horizonte, indo morar com a irmã Vicentina e o irmão Joaquim, por causa do assassinato de um namorado, cometido em 1957 por seu irmão Zé Chilau. Na capital mineira, Clara trabalhou como tecelã durante o dia e fez o curso normal à noite. Aos finais de semana, participava dos ensaios do Coral Renascença, na igreja do bairro onde morava. Naquela época, conheceu o violonista Jadir Ambrósio, conhecido por ter composto o hino do Cruzeiro. Admirado com a voz da jovem de 16 anos, Jadir levou Clara a vários programas de rádio, como “Degraus da Fama”, no qual ela se apresentou com o nome de Clara Francisca.

Já no Rio de Janeiro, Clara Nunes se apresentava em vários programas de televisão, como José Messias, Chacrinha, Almoço com as Estrelas e Programa de Jair do Taumaturgo. Antes de aderir ao samba, Clara cantava especialmente boleros. Além de emissoras de rádios e televisão, ela também percorreu escolas de samba, clubes e casas noturnas nos subúrbios cariocas.

Ainda em 1965, ela passou por um teste como cantora na gravadora Odeon, onde registrou pela primeira vez a sua voz em um LP. O disco foi lançado pela Rádio Inconfidência (onde Cla-

ra trabalhou quando morava em Belo Horizonte) e contava com a participação de outros artistas, todos da Odeon.

No ano seguinte, Clara foi contratada por esta gravadora, a primeira e a única em toda a sua vida. Naquele mesmo ano, foi lançado o primeiro LP oficial da cantora, “A Voz Adorável de Clara Nunes”. Por insistência da gravadora para que ela interpretasse músicas românticas, Clara apresentou neste álbum um repertório de boleros e sambas-canções, mas o LP foi um fracasso comercial. Em 1968, Clara Nunes gravou “Você Passa e Eu Acho Graça”, seu segundo disco na carreira e o primeiro onde cantaria sambas. A faixa-título (de Ataulfo Alves e Carlos Imperial) foi seu primeiro grande sucesso radiofônico.

No ano seguinte, a Odeon lançou “A Beleza Que Canta”, LP no qual a cantora interpretou “Casinha Pequena”, uma canção de domínio público. Ainda em 1969, Clara Nunes ganhou o primeiro lugar no “I Festival da Canção Jovem de Três Rios” com a música “Pra Que Obedecer” (de Paulinho da Viola e Luís Sérgio Bilheri) e ainda classificou a canção “Encontro” (de Elton Medeiros e Luís Sérgio Bilheri) na terceira colocação. Ficou em oitavo lugar no “IV Festival Internacional da Canção Popular” com a música “Ave Maria do Retirante” (de Alcyvando Luz e Carlos Coqueijo), que foi lançada naquele mesmo ano em disco homônimo.

Em 1970, Clara Nunes se apresentou em Luanda, capital angolana, em convite de Ivon Curi. No ano seguinte, a cantora gravou seu quarto LP, no qual interpretou “Ê Baiana” (de Fabrício da Silva, Baianinho, Ênio Santos Ribeiro e Mi-

guel Pancrácio), música que obteve considerável sucesso no carnaval de 1971, e “Ilu Ayê”, samba-enredo da Portela (de autoria de Norival Reis e Silvestre Davi da Silva). Na capa do álbum, a cantora mineira fez um permanente nos cabelos pintados de vermelho e passou a partir daí a se vestir com roupas que remetiam às religiões afro-brasileiras.

Em 1972, Clara se firmou como cantora de samba com o lançamento do álbum “Clara Clarice Clara”. Com arranjos e orquestrações do maestro Lindolfo Gaya e com músicos como o violonista Jorge da Portela e Carlinhos do Cavaco, o disco teve como grandes destaques as canções “Seca do Nordeste” (um samba-enredo da escola de samba Tupi de Brás de Pina), “Morena do Mar” (de Dorival Caymmi), “Vendedor de Caranguejo” (de Gordurinha), “Tributo aos Orixás” (de Mauro Duarte, Noca e Rubem Tavares) e a faixa-título “Clara Clarice Clara” (de Caetano Veloso e Capinam). Ainda naquele ano, Clara Nunes se apresentou no “Festival de Música de Juiz de Fora” e gravou um compacto simples da música “Tristeza, Pé no Chão” (de Armando Fernandes), que vendeu mais de 100 mil cópias.

A Odeon lançou em 1973 o disco “Clara Nunes”. Naquele mesmo ano, a cantora estreou com Vinicius de Moraes e Toquinho o show “O poeta, a moça e o violão” no Teatro Castro Alves, em Salvador. Também em 1973, Clara foi convidada pela Radiotelevisão Portuguesa para fazer uma temporada em Lisboa. Depois, percorreu alguns outros países da Europa, como a Suécia, onde gravou um especial ao lado da Orquestra Sinfônica de Estocolmo para a TV local.

Clara Nunes integrou a comissão que representou o Brasil no “Festival do Midem”, em Cannes, em 1974. Por lá, a Odeon lançou somente para o público europeu o disco “Brasília”, que foi base para o LP “Alvorecer”. Este álbum emplacou grandes sucessos como “Conto de Areia” (de Romildo S. Bastos e Toninho Nascimento), “Menino Deus” (de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro) e “Meu Sapato Já Furou” (de Mauro Duarte e Elton Medeiros). O LP bateu recorde de vendagem para cantoras brasileiras, com mais de 300 mil cópias vendidas, um feito nunca antes registrado no Brasil. Ainda em 1974, a cantora atuou (ao lado de Paulo Gracindo), em “Brasileiro Profissão Esperança”, espetáculo de Paulo Pontes, referente à vida da cantora e compositora Dolores Duran e do compositor e jornalista Antônio Maria. O show ficou em cartaz no Canecão até 1975 e gerou o disco homônimo.

Também em 1975, a Odeon lançaria ainda o LP “Clareza”. Com grandes sucessos como “O Mar Serenou” (de Candeia) e “Juízo Final” (de autoria de Nelson Cavaquinho e Élcio Soares), este álbum se tornou o maior sucesso da carreira da cantora, batendo o recorde de vendagem feminina e alavancando o samba-enredo da Portela na avenida, “Macunaíma, Herói da Nossa Gente” (de autoria de Norival Reis e Davi Antônio Correia), com o qual a escola classificou-se em 5º lugar no Grupo 1. Ainda naquele ano de 1975, Clara casou-se com o poeta, compositor e produtor Paulo César Pinheiro e percorreu vários países da Europa em turnê.

Clara Nunes gravou o LP “Canto das Três Raças” em 1976. Além da faixa-título (de Mauro

Duarte e Paulo César Pinheiro), grande sucesso na carreira da cantora, o disco contava ainda com “Lama” (de Mauro Duarte), “Tenha Paciência” (de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito), “Riso e Lágrimas” (de Nelson Cavaquinho, Rubens Brandão e José Ribeiro), “Fuzuê” (de Romildo e Toninho) e “Retrato Falado” (de Eduardo Gudin e Paulo César Pinheiro).

Em 1977, a Odeon lançou o disco “As Forças da Natureza”, um álbum mais dedicado ao partido alto. O LP teve como principais destaques a faixa-título (de João Nogueira e Paulo César Pinheiro), “Coração Leviano” (de Paulinho da Viola) e “Coisa da Antiga” (de Wilson Moreira e Nei Lopes). O disco ainda contou com a participação de Clementina de Jesus na faixa “PCJ-Partido da Clementina de Jesus” (de Candeia) e lançou “À Flor da Pele”, primeira composição de Clara (feita em parceria com Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro).

Em 1978, foram lançados os álbuns “Guerreira”, no qual Clara interpretou vários ritmos brasileiros além do samba - sua marca registrada -, e “Esperança”, com destaque para a faixa “Feira de Mangaio” (de Sivuca e Glorinha Gadelha). Ainda naquele ano, participou do LP “Vida boêmia”, de João Nogueira, no qual interpretou “Bela Cigana” (de João Nogueira e Ivor Lancelotti), e esteve - ao lado de Chico Buarque, Maria Bethânia e outros artistas - no show do Riocentro, que marcaria a história política brasileira devido à explosão de uma bomba.

Em 1980, Clara Nunes gravou o álbum “Brasil Mestiço”, que fez sucesso nas emissoras de rádio de todo o país com “Morena de Angola”

(composta por Chico Buarque), “Brasil Mestiço, Santuário da Fé” (de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro), “Peixe com Coco” (de Alberto Lonato, Josias e Maceió do Cavaco), “Última Morada” (de Noca da Portela e Natal) e “Viola de Penedo” (de Luiz Bandeira). Ainda naquele ano, a cantora participou dos LPs “Cabelo de Milho” (de Sivuca) e “Fala Meu Povo” (de Roberto Ribeiro), e viajou para Angola representando o Brasil ao lado de Elba Ramalho, Djavan, Dorival Caymmi e Chico Buarque, entre outros.

Gravou em 1981 o LP “Clara”, com grande sucesso para a música “Portela na Avenida” (de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro), com a participação especial da Velha Guarda da Portela nesta faixa, e estreou o show “Clara Mestiça” (dirigido por Bibi Ferreira). Ainda naquele ano, a Odeon lançou uma coletânea intitulada “Sucesso de Ouro”.

Em 1982, a Odeon lançaria “Nação”, o último álbum de estúdio da cantora. O LP teve como destaques a faixa-título (de João Bosco, Aldir Blanc e Paulo Emílio), “Menino Velho” (de Romildo e Toninho), “Ijexá” (de Edil Pacheco), “Serrinha” (de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro) - uma homenagem dos compositores à escola de samba Império Serrano e ao Morro da Serrinha, reduto do jongo, situadas em Madureira, subúrbio carioca. Ainda naquele ano, Clara se apresentou na Alemanha ao lado de Sivuca e Elba Ramalho e participou do LP “Kasshoku”, lançado no Japão pela gravadora Toshiba/EMI, gravando um especial para a emissora de TV NHK.

Em 1986, a Velha Guarda da Portela interpretou “Flor do Interior” (de Manacéa), uma das

muitas músicas feitas em homenagem à Clara Nunes, no disco “Doce Recordação” - produzido por Katsunori Tanaka e lançado no Japão. Outro compositor, Aluísio Machado (da Império Serrano), também compôs a música “Clara” em homenagem à cantora. Em 1988, Maria Gonçalves (irmã mais velha de Clara Nunes, que passou a criar a cantora quando esta tinha apenas quatro anos) reuniu várias peças do vestuário, adereços e objetos pessoais da cantora, e criou uma sala que abriga o acervo de sua obra em um espaço físico com cerca de 120 metros, anexado à creche que leva o seu nome em Caetanópolis.

Em 1989, a gravadora EMI-Odeon produziu a coletânea “Clara Nunes, O Canto da Guerreira”. Também naquele ano, o selo WEA lançou para o mercado estadunidense o álbum “O Samba: Brazil Classics 2”, com vários artistas e incluindo Clara Nunes.

Três anos depois, a EMI-Odeon lançou “Série 2 em 1”, compilação em CD de dois LPs: “Brasil Mestiço” e “Nação”, e a gravadora norte-americana World Pacific lançou “Best of Clara Nunes” no mercado dos Estados Unidos. Em 1993, o selo Som Livre lançou “Clara Nunes - 10 anos” - em lembrança ao décimo aniversário de morte da cantora - e a EMI-Odeon lançou pela “Série 2 em 1” os discos “Adoniran Barbosa” e “Adoniram Barbosa e Convidados”, este último também contou com a participação de Clara Nunes. Esta mesma gravadora lançaria em 1994 as coletâneas “O Canto da Guerreira”, “O Canto da Guerreira Volume 2” e “Meus Momentos”. Também naquele ano, a gravadora Saci lançou o álbum “Homenagem a Mauro Duarte”, que contou com

a voz de Clara Nunes, uma de suas maiores amigas e a sua principal intérprete.

Em 1995, a Odeon lançou “Clara Nunes com Vida”, álbum produzido por Paulo César Pinheiro e José Milton, no qual foram acrescentadas as vozes de outros artistas - Emílio Santiago, Martinho da Vila, Chico Buarque, Nana Caymmi, Roberto Ribeiro, João Bosco, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Alcione, Marisa Gata Mansa, Paulinho da Viola, Ângela Maria e João Nogueira - fazendo duetos com Clara Nunes, e “O Talento de Clara Nunes”, outra coletânea.

No ano seguinte, a EMI-Odeon reeditou a obra completa de Clara Nunes, que incluíam 16 discos com as capas reproduzidas do original, remasterizados no Estúdio Abbey Road, em Londres, considerado o melhor do mundo. Três anos depois, a cantora Alcione gravou “Claridade”, um álbum com os maiores sucessos da carreira da amiga. Em 2001, foi apresentado no teatro do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, o musical “Clara Nunes Brasil Mestiço”, e no ano seguinte foi lançado o livro “Velhas Histórias, Memórias Futuras” de Eduardo Granja Coutinho, no qual o autor faz várias referências à cantora.

Em comemoração aos seus 60 anos, que seriam completados em 2003, a gravadora Deck-Disc lançou “Um Ser de Luz - Saudação à Clara Nunes”, álbum produzido por Paulão Sete Cordas e que contou participação de diversos artistas interpretando parte de seu repertório.

No ano seguinte, a mesma gravadora lançou “Clara Nunes canta Tom e Chico”, coletânea na

qual compilou algumas gravações de discos anteriores da cantora, entre elas “Apesar de Você”, “Umas e Outras”, “Desencontro”, “Morena de Angola” e “Novo Amor” (todas de Chico Buarque), “Insensatez” e “A Felicidade” (de Tom Jobim e Vinícius de Moraes), além de “Sabiá” (da dupla Tom e Chico).

Em 2006, foi encontrada mais uma interpretação inédita de Clara Nunes. A composição “Quem Me Dera” (de Maurício Tapajós e Hermínio Bello de Carvalho) foi incluída no álbum póstumo de Maurício Tapajós, “Sobras Repletas”, que também trouxe uma outra composição, também em sua homenagem, desta vez feita em sua homenagem, “Surdina” (de Maurício Tapajós e Cacaso). Em 2007, o jornalista Vagner Fernandes lançou a biografia “Clara Nunes - Guerreira da Utopia”, que trouxe entrevistas com vários compositores e intérpretes, dentre os quais Chico Buarque, Paulinho da Viola, Alcione, Hermínio Bello de Carvalho, Hélio Delmiro, Milton Nascimento, Monarco e Paulo César Pinheiro, além de familiares e amigos.

Não, ninguém faz  
samba  
só porque prefere  
Força nenhuma  
no mundo interfere  
Sobre o poder da  
criação

— João Nogueira —

Capítulo 7



**Rio de Janeiro, RJ**  
**12 de novembro de 1941**  
**5 de junho de 2000**

João Nogueira nasceu no Rio de Janeiro. Em 12 de novembro de 1941. Foi um cantor e compositor brasileiro. Desde o início de sua carreira ficou conhecido pelo suingue característico de seus sambas. É pai do também cantor e compositor Diogo Nogueira. Com a feiura na mão, filho do advogado e músico João Batista Nogueira e irmão da também compositora. Gisa Nogueira, cedo tomou contato com o mundo musical. Logo, aprendeu a tocar violão e a compor em parceria com a irmã.

João Nogueira começou a compor aos 15 anos, fazendo sambas para o bloco carnavalesco Labareda, do Méier, através do qual conheceu o músico Moacyr Silva, dirigente da gravadora Copacabana, que o ajudou a gravar o samba “Esperre, Ó Nega”, em 1968. Mas ele apareceu na cena artística nacional quando no início dos anos 70 emplacou o sucesso “Das 200 Pra Lá”, samba que defendia a política de expansão de nossa fronteira marítima ao longo de 200 milhas da plataforma continental. O samba assumiu as primeiras posições das paradas na voz de Eliana Pittman e mereceu citação em reportagem da revista americana Time, pelo seu tom nacionalista afirmativo. Funcionário da Caixa Econômica, João se viu às voltas com certo patrulhamento, já que a bandeira das 200 milhas havia sido levantada pelo governo militar. “Pensaram que eu tinha virado Dom e Ravel”, brincou ele mais tarde. Seu primeiro disco foi um compacto simples com “Alô Madureira” e “Mulher Valente.” Em 1969, Elizeth Cardoso gravou seu “Corrente de Aço”, no disco “Falou”.

Se no LP de 1974 ele reservara uma faixa para Noel Rosa, de quem gravou “Gago Apaixonado”,

neste ele gravaria “Não Tem Tradução”, reverenciando mais uma vez o poeta da Vila, um dos três esteios de sua inspiração, ao lado de Geraldo Pereira e Wilson Batista, dos quais recebeu as influências que explicavam seu estilo de compor e cantar o samba – e aos quais dedicaria um LP inteiro (Wilson, Geraldo e Noel, 1981, Polygram). O disco, contudo, seria lembrado por outros sucessos, como “Nó na Madeira” (parceria com Eugênio Monteiro) e “Mineira”, uma homenagem a Clara Nunes, parceria com P. C. Pinheiro, o marido da cantora. O disco trazia ainda três parcerias com um jovem violonista de muito talento, que se revelava ótimo compositor, Cláudio Jorge, com quem assinou três faixas do disco (Samba da Bandola, Chorando Pelos Dedos e Pra Fugir Nunca Mais). Ivor Lancelotti, de quem João gravara o lindo samba-canção “De Rosas e Coisas Amigas”, no disco de 1974, reaparecia com “Seu Caminho Se Abre”. Em 1979, ele introduziria o parceiro no show João Nogueira Apresenta Ivor Lancelotti. Quando Diogo Nogueira, seu filho, canta “Espelho”, faixa título do disco que João lançou em 1977, os jovens que formam sua legião de fãs imaginam que ele está falando do pai, nos versos que dizem “Um dia chutei mal e machuquei o dedo/ E sem ter mais o velho pra espantar o medo/ Foi mais uma vontade que ficou pra trás”. Afinal, Diogo foi jogador profissional de futebol, esporte que abandonou depois de sofrer uma séria contusão. Na verdade, a letra da música é autobiográfica, sim, mas de João, o pai, referindo-se ao avô de Diogo. O flamenguista João Nogueira foi também um boleiro frustrado por uma contusão.

Nos quatro primeiros discos que João lançou estavam dadas as linhas mestras do que seria sua carreira. E está contido o melhor do compositor, que um dia entrou no Portelão cantando “Hoje eu estou cheio de alegria/ E sou até capaz de me embriagar/ Uns amigos bambas neste dia/ Me convidaram a participar/ De uma escola de samba que é todo meu dengo/ De um terreiro de bambas que é todo meu mal/ Vou me livrar da tristeza/ E sambar na beleza do seu Carnaval”, samba de apresentação à ala dos compositores da Águia de Osvaldo Cruz, que o convidará a se juntar a seus bambas, em 1972. O namoro duraria até meados dos anos 80, quando João abandonou a escola, descontente com os rumos que o presidente Carlinhos Maracanã lhe impôs, e juntou-se a outros sambistas, herdeiros do velho Natal, para fundar, em 1984, a Tradição, escola para a qual compôs em parceria com P. C. Pinheiro os cinco primeiros sambas-enredo, de 1985 a 1989. Diogo, seu filho, é a reconciliação com a Portela, onde foi por quatro vezes vencedor do samba-enredo.

Em 1979, João fundou o Clube do Samba, com Alcione, Martinho da Vila e Beth Carvalho, entidade à qual dedicou o título de seu disco daquele ano, que trouxe novos sucessos, como “Súplica” e “Canto do Trabalhador” (com P. C. Pinheiro). O clube, que no início funcionava em sua casa e que mais tarde lançou um bloco carnavalesco para desfilar na Avenida Rio Branco, arrastando foliões saudosos dos velhos carnavais, funcionou em vários endereços, inclusive na Barra da Tijuca. Pelo seu palco passaram os grandes nomes do samba e compositores das escolas

cariocas. Era frequente a programação de reunir numa mesma noite gente do naipe de Ivone Lara, João Nogueira e Roberto Ribeiro, que um ano depois de sua morte foi homenageado pelo bloco no Carnaval. O próprio João, morto no ano 2000, seria homenageado no Carnaval seguinte com o tema “Como Diria João”.

Uma das músicas mais cantadas de João, uma espécie de hino dos compositores, foi o sucesso do disco de 1980, “Boca do Povo”. Trata-se de “Poder da Criação” (“Ninguém faz samba só porque prefere/ Força nenhuma no mundo interfere/ Sobre o poder da criação”), novamente com P. C. Pinheiro, seu parceiro mais constante, com quem acabou por lançar o CD *Parceria*, em 1994, no qual comemoravam 22 anos de composições conjuntas e mais de 50 obras compostas. “A gente senta junto e, quando levanta, está saindo um samba. Até mesmo sem querer”, diria João. Nas dezessete faixas do CD, há uma homenagem a Clara Nunes, morta em 1983, nas faixas “Um Ser de Luz” e “As Forças da Natureza”, de versos emocionados como “As pragas e as ervas daninhas/ As armas e os homens do mal/ Vão desaparecer/ Nas cinzas de um Carnaval”. João lançaria outros grandes discos, como o já citado em homenagem aos três grandes do samba, Wilson, Geraldo, Noel, seu nono álbum (1981), só com músicas dos três autores, dando descanso à parceria com P. C. Pinheiro.

Ele seguiria lançando discos de qualidade (18 álbuns-solo no total) e participaria de discos coletivos, como “Clara Nunes – Com Vida” (1995), no qual dividiu as faixas com gente como Martinho da Vila, Roberto Ribeiro e Nana Caymmi.

E “Chico Buarque da Mangueira” (1998), disco em homenagem ao compositor, que era enredo da escola naquele ano. Em 1995, com o maestro e pianista Marinho Boffa, João gravaria um CD só com músicas desse mesmo Chico Buarque de Hollanda, num trabalho de Almir Chediak com catorze canções, dentro da segunda edição do projeto Letra e Música. O disco foi lançado com um show no programa Seis e Meia do Teatro João Caetano. Ele participou também do disco Esquina do Samba, gravado ao vivo em 2000 no botequim Pirajá, em São Paulo, com Ivone Lara, Walter Alfaiate, Beth Carvalho, Moacyr Luz, Luiz Carlos da Vila e outros. No mesmo ano participou de um disco da Velha Guarda da Portela. Em 2009 foi lançado um DVD da participação de João Nogueira no programa Ensaio, da TV Cultura de São Paulo.

João Nogueira morreu na madrugada do dia 5 de junho de 2000, aos 58 anos, vítima de um infarto fulminante, em sua casa no Recreio dos Bandeirantes. João vinha sofrendo de problemas circulatórios que lhe haviam causado uma isquemia cerebral dois anos antes. Esteve internado em estado grave por um bom tempo, mas conseguiu se recuperar. Sofreu nova isquemia de menor impacto no início de 2000 e outra dois meses depois. Mas, sob observação médica, estava confiante, levava uma vida mais regrada, e ensaiava para shows que faria por aqueles dias, nos quais planejava apresentar trabalhos inéditos, além de sucessos de seu último álbum, “João de Todos os Sambas”, lançado em 1998 na quadra da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, na favela que era homenageada no disco:

“Junto ao mar/ Num morro que era ainda despo-  
vado/ E dividia a Gávea e São Conrado/ Nasceu  
uma favela”, dizia na faixa “Rocinha”. Foi uma  
perda grande para a cena musical brasileira.  
“Ele tinha uma forma de frasear muito própria.  
Não vejo seguidores dele. Creio que essa escola,  
cuja origem talvez tenha sido Ciro Monteiro, se  
acaba com a morte de João”, lamentou Hermínio  
Bello de Carvalho. Todos sabiam de suas quali-  
dades especiais de intérprete, mas João valoriza-  
va mesmo as composições. Só em 1999, quando  
recebeu o Troféu Eletrobras de MPB é que reco-  
nheceu seu canto. “Hoje estou adorando cantar.  
Antes, gostava que me vissem mais como com-  
positor”, disse. João deixou 4 filhos, entre eles  
Diogo, que pegou o bastão, não deixou a peteca  
cair e nos faz matar as saudades do pai, dada a  
semelhança física, vocal e a simpatia com que  
representa o melhor samba carioca.

Com sua morte, vários colegas se juntaram  
para apresentar, nas mesmas datas e no mesmo  
local, um espetáculo em sua homenagem. Parti-  
ciparam Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Dona  
Ivone Lara, Arlindo Cruz e Sombrinha, Emílio  
Santiago, Carlinhos Vergueiro e a família de  
João: o sobrinho Didu, o filho Diogo e a irmã e  
parceira Gisa. O show foi gravado para o disco  
“João Nogueira, Através do Espelho”.

Foi Deus quem  
criou  
a vida  
Difícil é saber  
viver  
É só achar a saída  
Esquece de agradecer

— Leci Brandão —

Capítulo 8



**Rio de Janeiro, RJ**  
**12 de setembro de 1944**  
**Atual**

Nascida em Madureira, criada em Vila Izabel, a primeira mulher a fazer parte da ala de compositores da Mangueira, Leci acima de tudo é uma batalhadora, lutou muito para conquistar seus espaços. Filha de família humilde, e a necessidade de ajudar no orçamento familiar, muito nova trabalhava de dia e estudava a noite. Apesar dos obstáculos, persistiu, conseguiu empregos na DATAMEC, TELERJ e por fim faculdade Gama Filho, chegando a cargo de chefia.

Em 1973, o crítico musical e jornalista Sérgio Cabral, descobriu Leci e a convidou para gravar um disco. Naquela época ela cantava no Teatro Opinião, na noitada de samba sobre o comando de Jorge Coutinho.

No ano seguinte, Sérgio levou Leci para a Discos Marcus Pereira, onde gravou seu primeiro compacto simples. Em 1975, ela gravaria o primeiro LP e recebeu inúmeros prêmios de crítica.

De lá até aqui foram 23 discos e várias compilações em trinta e sete anos de carreira. Durante cinco anos Leci ficou sem gravar por absoluta questão política. As gravadoras não aceitavam suas canções marcadas pelas letras sociais. Ela cantou a defesa das minorias (todas elas), era convocada para cantar em todos os eventos afinados com sindicalistas, estudantes, índios, prostitutas, gays, partidos de esquerda, movimentos de mulheres e principalmente o Movimento Negro. Nos últimos quinze anos todos os discos de Leci contêm uma faixa falando do assunto de forma direta, transparente e apaixonada. É a cantora das comunidades e sente muito orgulho por isto.

Entre seus ídolos constam Martinho da Vila, Ruth de Souza e Benedita da Silva. Em 1970, ainda na Gama Filho, já como sub-diretora do pessoal, realiza-se o primeiro Festival de Música da Universidade. Leci participa e fatura o prêmio de revelação e segundo lugar na classificação geral.

Em 1972, Leci ingressa na ala de Compositores da Mangueira levada pelas mãos de Zé Branco. Tesoureiro da ala na época. No ano seguinte, Lígia Santos, filha de Donga, conhece Leci cantando nas rodas de samba da Mangueira e posteriormente apresenta Leci a Sérgio Cabral. Ainda na Mangueira, o ator e produtor Jorge Coutinho levou Leci para fazer parte do elenco das Noitadas de Samba do Teatro Opinião. Neste ano, ela faz parceria com Darcy da Mangueira e estoura com o samba “Quero Sim”. No início de 1975, Leci participa do Festival Abertura da Rede Globo e é finalista com o samba “Antes que eu volte a ser nada”, que acabou rendendo a Leci a assinatura com a gravadora Marcus Pereira, lançando seu primeiro LP do mesmo título da música. Nesta época, Leci conheceu São Paulo, através de Aluizio Falcão, Pelão, Marcus Pereira, Zuza e a turma do Jograal. Chegou a cantar com CARTOLA da mesma gravadora.

Já em 1977 grava o terceiro LP “Coisas do meu pessoal” e a música “Ombro Amigo”, entra na trilha da novela Espelho Mágico da Rede Globo. É convidada por Martinho da Vila para participar do show “Seis e meia”, no Teatro João Caetano, e neste ano Leci teve que formar sua banda. Em 1978 Leci estreia no pro-

jeto Pixinguinha ao lado de Joel do Bandolim e Grupo Chapéu de Palha. Em maio, embarca para França levada por Martinho da Vila. Cantaram em Paris no Teatro Morgador. Em dezembro, ela lançou seu quarto LP “Metades”, que foi dedicado aos músicos brasileiros. Participaram Paulo Moura, Rosinha de Valença e Antonio Adolfo.

Em 1980, sai o quinto LP “Essa tal criatura”. Leci é finalista do MPB 80, o festival da GLOBO, com a música do mesmo nome e faz o show de lançamento no Teatro Opinião sob direção de Otoniel Serra. Volta ao projeto Pixinguinha ao lado de Yvone Lara e Gisa Nogueira. Em novembro é escolhida para representar o BRASIL no Japão no World Popular Song Festival.

Já em 1982 participava ativamente das campanhas políticas dos partidos de oposição, realizando inúmeros shows beneficentes em defesa de todas as minorias. Em 1985 realiza show ao lado de Carmen Costa, na sala Funarte no Rio de Janeiro e desfila na Comissão de Frente da Mangueira representando Chiquinha Gonzaga. Em junho volta ao disco e assina contrato com a Copacabana. Lança em outubro o vitorioso LP “Leci Brandão”, produção de Alceu Maia. No ano seguinte, 1986, Leci volta ao projeto Pixinguinha com o grupo Fundo de Quintal, que foi um sucesso absoluto. Em 1987, lança o sétimo LP “Dignidade”, dedicado a Yansã, sua protetora. O destaque deste disco ficou por conta de “Só quero te namorar” e “Me perdoa poeta”, um samba em homenagem aos sambistas de São Paulo. Nesta época, Leci fez shows no Teatro Caetano de Campos e Centro

Cultural São Paulo com muito sucesso. No ano de 1988 sai o oitavo LP “Um beijo no seu coração”, e a música “Olodum força divina”, estoura em todo Brasil. Leci recebe o seu primeiro disco de Ouro.

Em 1990 lança o premiadíssimo “Cidadã brasileira” e recebe dois prêmios SHARP. Em 1992, lança o décimo primeiro LP “Comprometida”. Neste trabalho, Leci foi buscar o folclore do Brasil. Além da Bahia, ela lançou “Boi-bumbá”, o “Bumba meu boi” e o sucesso “Bate tambor”. No ano de 1995 lança seu décimo - quarto trabalho “Anjos da guarda”. A música título é dedicada aos professores e no mesmo disco há uma homenagem a Zumbi dos Palmares e outra aos cidadãos negros do Brasil. Em 1996, na tentativa de ver seu trabalho mais bem divulgado Leci muda para a gravadora Movie Play em São Paulo. Lançou o décimo quinto trabalho “Somos da mesma tribo”. Faz uma homenagem a Diolinda Alves de Souza e a todas as mulheres trabalhadoras deste país; Fala dos meninos de rua, e por questões ideológicas o trabalho não foi aceito pela mídia. Em junho estreia como atriz na novela Xica da Silva, onde interpreta a personagem Severina, uma líder de resistência do quilombo. Já em 1997 recebeu a medalha Pedro Ernesto na câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro um ato do vereador Antonio Pitanga e na câmara Municipal de São Paulo recebe o título de cidadã paulistana, iniciativa do vereador Ítalo Cardoso, sendo aprovado por unanimidade. Participa de uma faixa no cd “Casa de samba”, com a dupla Arlindo Cruz e Sombrinha (Testamento

de partideiro). Em 1998, participa de 02 (duas) faixas no cd “Os melhores do ano”, gravado ao vivo, pela Indie Records, em conjunto com o grupo Sem Compromisso (Felicidade escondida) numa faixa, e na outra com Jovelina Pérola Negra (Último registro fonográfico da cantora) e Almir Guineto (O show tem que continuar). Grava seu décimo, sexto trabalho “Auto-estima”, lançado pela gravadora Trama.

Em uma boa forma no ano de 2000 foi comentarista dos Desfiles das Escolas de Samba de São Paulo pela Rádio Transcontinental FM e Desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro pela Rádio Mania FM. Grava uma faixa no CD “Os melhores de 2000” com o Grupo É de mais (Agenda), grava duas faixas no CD “Os melhores do ano vol. II”, (Retrato Cantado) e com o Grupo Os Morenos (Auto-Estima). Grava seu segundo CD pela Gravadora TRAMA, e décimo sétimo da carreira, intitulado “Eu sou assim”

Em 2003 é convidada a comentar o carnaval SP (rede globo), recebe o brasão da cidade de pelotas (RS), participa da sessão solene da criação da medalha cruz e souza.

No ano seguinte, canta no Show pelos 500 anos da Cidade de São Paulo, canta pelo Show dos 500 anos da Cidade de S. Francisco do Sul (SC), comenta o carnaval de São Paulo (Rede Globo), participa da gravação do CD/DVD do Grupo Fundo De Quintal (Faixa Vai lá, vai lá), Recebe o Título de Cidadã São Bernardense (SP), toma posse como conselheira do SEPPPIR (Convidada pelo Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva). Em 2007, fez show na

posse do 2º. mandato do Presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Já em 2009, é comentarista dos desfiles das Escolas de Samba de São Paulo (tv globo) e participou de projeto de gravação em homenagem a Wilson Simonal.

Quanto a você,  
da aristocracia,  
que tem dinheiro  
mas não compra  
**alegria,**  
há de viver  
eternamente  
sendo escravo desta  
gente que cultiva a  
**hipocrisia**

———— **Noel Rosa** ————

Capítulo 9



**Rio de Janeiro, RJ**  
**11 de dezembro de 1910**  
**4 de maio de 1937**

Noel Rosa (1910-1937) foi um compositor, cantor e violonista brasileiro. Um dos mais importantes artistas da história da música popular brasileira. Ficou conhecido como “O Poeta da Vila”.

Noel Medeiros Rosa nasceu no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 1910. Filho do comerciante Manuel Medeiros Rosa e da professora Marta de Medeiros Rosa foi aluno do tradicional Colégio São Bento. Muito cedo aprendeu a tocar violão e bandolim. Em 1930 ingressa na Faculdade Nacional de Medicina, mas depois de dois anos abandonou o curso. Já estava envolvido com a música e a boemia. Formou junto com os músicos Almirante, Buarque, Alvinho e Henrique Brito o conjunto Bando de Tangarás.

Entre os anos de 1930 a 1937, Noel compôs mais de 300 músicas, entre sambas, marchinhas e canções. Entre seus sucessos destacam-se, “Com Que Roupas”, seu primeiro sucesso, “Conversa de Botequim”, “Feitiço da Vila” e “Fita Amarela”. Entre os intérpretes de seus sambas estão: Aracy de Almeida, Francisco Alves e Mário Reis. Mestres da Música Popular Brasileira como Chico Buarque de Holanda e Paulinho da Viola fazem questão de realçar a influência que Noel Rosa teve em suas músicas.

Em 1934 casa-se com Lindaura, moça da alta sociedade, mas tinha várias amantes e passava noites pelos cabarés do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, cantando, bebendo e fumando. Acometido de tuberculose, foi para Belo Horizonte para tratamento de saúde. Na volta para o Rio de Janeiro, achando-se curado, volta à vida boêmia.

Um garçom serve Noel Rosa; estátua localizada na entrada de Vila Isabel, Rio de Janeiro.

Em 2010, cem anos depois do seu nascimento, o GRES Unidos de Vila Isabel, escola de samba sediada na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro de Vila Isabel, levou Noel Rosa como seu enredo do carnaval. Fez-se um desfile em sua homenagem, com o samba intitulado Noel: A Presença do “Poeta da Vila”, de autoria do compositor Martinho da Vila.

O desfile realizado pela Unidos de Vila Isabel se deu na segunda-feira de carnaval, dia 15 de Fevereiro de 2010. A escola foi a quinta a desfilarem e o resultado oficial rendeu à ela a quarta colocação na ordem oficial de apuração dos pontos pela LIESA.

Noel Rosa já foi retratado como personagem no cinema e na televisão, interpretado por Chico Buarque no filme *O Mandarim* (1995) e Rafael Raposo no filme *Noel – Poeta da Vila* (2006).

O primeiro longa-metragem sobre o compositor, *Noel - Poeta da Vila*, foi baseado na biografia de Máximo e Didier e dirigido por Ricardo van Steen. Teve sua estreia no Festival de Cinema do Rio de Janeiro em 2006 e na 30<sup>a</sup> Mostra de Cinema de São Paulo. Entrou em circuito em agosto de 2007, ano que marcou os 70 anos da morte do poeta do samba.

Antes deste filme, outros filmes, de curta e média-metragem, foram realizados sobre Noel Rosa. O próprio Ricardo Van Steen, realizador de *Noel - Poeta da Vila*, dirigiu um curta-metragem, *Com Que Roupa?* (1997), com Cacá Carvalho no papel de Noel Rosa.

Rogério Sganzerla (1946-2004), um dos principais nomes do chamado Cinema Marginal, era fascinado pela vida e obra de Noel Rosa, e planejava fazer o seu próprio longa-metragem. O projeto acabou não vingando, mas durante esta espera realizou dois documentários, um de curta-metragem, *Noel Por Noel* (1978), e um de média-metragem, *Isto é Noel Rosa* (1991).

Em *O Mandarim* (1995) – uma representação experimental da vida do cantor Mário Reis – Júlio Bressane (outro representante do Cinema Marginal) chama Chico Buarque para interpretar Noel Rosa.

Em 1994, Alexandre Dias da Silva descobre um filme raríssimo – o curta-metragem *Vamo Falá do Norte* (1929), de Paulo Benedetti, com a única imagem filmada de Noel Rosa, junto com o Bando de Tangarás – e, com texto de José Roberto Torero e cenas de cinejornais e filmes de 1929, realiza o curta-metragem *O Cantor de Samba*.

No mesmo ano, Noel Rosa se torna personagem do curta-metragem de ficção *Bar Babel*, realizado no Paraná por Antônio Augusto Freitas.

Em 1998, Antonio Paiva Filho escreve e dirige, em vídeo, uma ficção inspirada no célebre samba de Noel Rosa “Coração”, presente mesmo no título: *A Paixão Faz Dor no Crânio Mas Não Ataca o Coração*.

E em 1999, André Sampaio realiza uma ficção experimental, *Polêmica*, a partir da famosa polêmica musical entre Noel Rosa e Wilson Batista.

Antes de ser tema de filmes, a música de Noel Rosa esteve presente em um sem-número de filmes brasileiros.

Mesmo enquanto o Poeta da Vila ainda era vivo: na comédia musical “Alô, Alô, Carnaval”, de Adhemar Gonzaga (produção Cinédia – 1936),

duas marchas de carnaval de Noel Rosa estavam em sua trilha sonora: Pierrot Apaixonado (parceria com Heitor dos Prazeres) e Não Resta a Menor Dúvida (parceria com Hervé Cordovil).

No mesmo ano, compôs seis músicas, em parceria com Vadico, para o filme Cidade-Mulher, de Humberto Mauro (produção Brasil-Vita): a música-título do filme (interpretada por Orlando Silva), Dama do Cabaré, Tarzan, O Filho do Alfaiate, Morena Sereia, Numa Noite à Beira-Mar e Na Bahia.

Outros filmes de destaque com músicas de Noel Rosa em sua trilha sonora foram os realizados por Carlos Alberto Prates Correia, outro grande admirador de sua música: em Perdida (1975), a gravação original de Quem Dá Mais? (1932), na voz do próprio Noel Rosa, serve de fundo para uma cena... digamos... didática, passada num bordel.

Em Cabaret Mineiro (1980) – grande premiado no Festival de Gramado de 1981 – Pra Esquecer – com Tavinho Moura e regional – e Nunca... Jamais! – com Tavinho Moura, Silvia Beraldo e regional – tem a mesma função de reforço da ironia em duas sequências do filme.

Deixa a vida me  
levar  
(vida leva eu!)  
Sou feliz e agradeço  
Por tudo que  
Deus  
😊 me deu! 😊

— Zeca Pagodinho —

Capítulo 10



**Rio de Janeiro, RJ**  
**4 de fevereiro de 1959**  
**Atual**

Zeca Pagodinho, nome artístico de Jessé Gomes da Silva Filho, nasceu no Rio de Janeiro em 4 de fevereiro de 1959. É um cantor e compositor brasileiro. Gravou mais de 20 discos e é considerado um grande nome do gênero samba e pagode. O artista, que começou sua carreira nas rodas de samba dos bairros de Irajá e Del Castilho, subúrbio do Rio de Janeiro, tornou-se tão imensamente popular que seus shows chegam a ser contratados por cachês generosos, sendo realizados nas mais badaladas casas de espetáculo do país. Sempre fiel às suas características de irreverência e jocosidade, Zeca recebe também reconhecimento da crítica e de artistas e compositores consagrados. Nei Lopes afirma que o sambista “é uma das poucas unanimidades nacionais, elevado ao patamar do mega-estrelato pop pelas gravadoras”.

Filho de Irinéia e Jessé, Zeca nasceu em Irajá onde desde pequeno passou a frequentar rodas de samba influenciado por sua família. Morou em vários bairros do Rio mas sempre demonstrou enorme apreço por Xerém (distrito de Duque de Caxias), na qual possui um sítio e uma escola de música para crianças carentes da região. Sua primeira gravação foi em 1983, com o samba “Camarão que dorme a onda leva”, de sua autoria e de Arlindo Cruz, a partir do convite de sua madrinha Beth Carvalho. Em 2003, no auge de sua carreira, foi o primeiro artista de Samba a gravar um especial de TV, CD e DVD pela MTV Brasil (tradicional reduto do pop rock).

O Acústico MTV, gravado no Rio, foi um de seus discos mais vendidos, rendendo inclusive uma segunda edição em 2006 (a primeira da

história da MTV Brasil). O segundo acústico, batizado de Acústico MTV Zeca Pagodinho 2 - Gafieira, homenageou o samba de gafieira. Em 2007, o cantor criou o selo Zeca Pagodiscos, em parceria com o produtor musical Max Pierre, ex-diretor artístico da Universal Music no Brasil. O primeiro trabalho da parceria (lançado em conjunto com o selo Música Fabril, novo selo de Max, com distribuição da gravadora EMI) foi o CD e DVD Cidade do Samba, gravado na Cidade do Samba, reunindo vários artistas brasileiros de vários estilos musicais, como Martinho da Vila, Jair Rodrigues, Cláudia Leitte, Ivete Sangalo, Nando Reis, Erasmo Carlos, Gilberto Gil, entre outros. Atualmente, Zeca reside na Barra da Tijuca com a mulher, Mônica Silva, e seus quatro filhos: Eduardo, Louis, Elisa e Maria Eduarda.

Em 2016, foi um dos convidados especiais na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos “Rio 2016”.



**Nome:** Poetas do samba;

**Autor:** Paulo Wiki;

**Tamanho:** 13x20 vertical

**Fontes:**

Source Serf Pro, corpo 11 entrelinha de 14;

Helvetica85 e Ballerina Script;

**Papel capa:** Couche 150 gramas;

**Papel miolo:** Offset 90 gramas;

**Softwares:** InDesign CC, Illustrator CC e Photoshop CC.

**Impressão**

Gráfica Tesouro Laser

Rua Primeiro de Março, 24 - Centro, Rio de Janeiro - RJ